

## REFLEXÕES A PARTIR DO MOVIMENTO DE *ESCRITURA GRÁFICA*, NA OBRA *A TRAMA* DE MIRA SCHENDEL

**NOBLE, André Winter<sup>1</sup>; REQUIÃO, Renata Azevedo<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Acadêmico do Curso de Artes Visuais Licenciatura, CA/UFPel, bolsa PET, andre.winn@hotmail.com;

<sup>2</sup>Professora no Centro de Artes e no Centro de Letras e Comunicação, da UFPel; Coordenadora dos Projetos de Pesquisa Poéticas contemporâneas: produção de leitura, produção de escritura, produção de sentidos, Viagens e lugares: mapas antropológicos, literários, turísticos e do Projeto MAPPAS: Mapeamento da Aquisição da Palavra e da Produção de Sentidos (Saúde Mental e Tecnologias da Linguagem); ar.renata@gmail.com.

### 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste no recorte de uma pesquisa ainda em andamento denominada *Em Mira e em Isou: uma reflexão a partir da poética verbografovisual de Isidore Isou e Mira Schendel*, orientada pela prof<sup>a</sup>. dr<sup>a</sup>. Renata Azevedo Requião, vinculada a seu projeto de pesquisa *Poéticas contemporâneas: produção de leitura, produção de escritura, produção de sentidos*. Neste caso, tendo por objetivo específico analisar a obra *A Trama*, de Mira Schendel, artista suíça radicada no Brasil. Com sua imbricação entre texto e imagem, a obra de Mira Schendel ainda é pouco conhecida, se inserindo numa tradição bastante rara, ainda que profícua, de artistas cuja produção se vale intensamente da palavra escrita para a criação visual.

Vale destacar que, diferentemente de nossa tradição etnocêntrica européia, nos continentes africano e asiático, desde o surgimento e desenvolvimento da escrita, é possível observar uma forte inter-relação entre a verbalidade e a visualidade, tanto nas práticas cotidianas quanto em suas composições literário-visuais. Afora esse dado, alargando nosso horizonte sobre tal relação palavra-imagem, Gombrich afirma, comentando sobre as narrativas rupestres, que, além de elas apresentarem caráter místico (relacionado à apreensão do animal, aprisionado pela representação), consistem também em uma primeira forma de escrita (GOMBRICH, 2001, p. 53).

Considerado o campo das artes visuais, propõe-se que, durante o processo de consolidação da escrita ocidental, a imagem verbal fez-se presente junto à visual, com o intuito de acrescentar tanto um caráter explicativo ou complementativo, quanto uma nova informação autônoma, a fim de enfatizar peculiaridades da representação. Entretanto, no ocidente, aos poucos, marcadamente a partir da prensa de Gutemberg e de seus limites físicos de representação, palavra e imagem foram se separando. No entanto, os limites que sistematicamente separaram as artes visuais das literárias rompem-se no decorrer do século XX, período no qual encontramos Mira Schendel produzindo.

### 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A investigação realizada se justifica e fundamenta a partir da constatação, através de pesquisa bibliográfica, da limitada abordagem de tema tão importante não só para a arte contemporânea, como também para a percepção da cultura contemporânea, especificamente para a cultura visual, particularmente a cultura gráfica, que permeia nosso habitat cultural. Escolhemos focar neste trabalho o

livro *Mira Schendel: a estética da expressividade mínima* (MARQUES, 2001), por contribuir para a análise da produção de Mira, e o catálogo *León Ferrari e Mira Schendel: o alfabeto enfurecido* (Pérez-Oramas, 2010), não só porque nos mostram as imagens das obras da artista, mas também pela presença de textos críticos, além dos próprios textos autorais da artista, fontes importantes para o enriquecimento da leitura da obra schendeliana. Recorremos ainda ao artigo de Sebastião Gomes Pedrosa (2007), publicado no 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores de Artes Plásticas, por tratar da relação entre imagem e texto na arte do século XX e ao ensaio de Beatriz Rocha Lagoa, *Mira Schendel: um ensaio sobre as monotípias*, por sua contribuição para um melhor entendimento sobre a técnica da monotípia, muito utilizada pela artista em questão, e determinante como técnica para pensarmos tal relação.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Segundo Angelo Mazzuchelli Garcia, “*um ideal comum aos movimentos artísticos modernistas foi o afastamento da representação em favor da realidade do plano pictórico* (2008, p. 17).” Mas, ainda que nos primeiros anos do século XX, os cubistas tenham dado ao texto colado ou desenhado sobre a pintura o caráter de imagem, esses vocábulos continuam a cumprir seu papel representativo, o de serem um signo dependente de referencialidade. Durante o período dadaísta, os poetas deste movimento fizeram questão de destruir com o léxico das palavras para enfatizar a sonoridade delas, fazendo do poema um jogo de vocalizações.

Já no *Letrismo*, desenvolvido por Isidore Isou, as palavras são combatidas, tendo como justificativa o fato de nenhuma delas ser capaz de traduzir determinados impulsos que quem as profere queira emanar. Isou ainda enfatiza, em seu manifesto, que os vocábulos liquidam com a sensibilidade, servindo apenas para determinar e isolar coisas.

Ao dar início à investigação da obra *A Trama*, de Mira Schendel, é fundamental e produtivo se levar em consideração o pensamento de uma das referências da artista. Paul Klee comentava da indistinção entre os atos vinculados ao desenho e à escrita. Para ele, ambos eram considerados idênticos, dada à cursividade de seus gestos (GARCIA, 2008, p. 20).

Um dos maiores nomes da pós-modernidade brasileira foi, sem sombra de dúvida, o da suíça radicada no Brasil, Myrrha Dagmar Dub. Natural de Zurique, conhecida entre nós como Mira Schendel. Após passagem por Milão, onde estudou arte e filosofia, e por Roma, onde obteve permissão para mudar-se para o Brasil, Mira partiu em direção a Porto Alegre, capital de nosso estado. Foi ali que produziu peças de design gráfico, pinturas, esculturas, cerâmicas, poesias, além de atuar como restauradora de imagens barrocas, assinando com o nome do primeiro casamento, Mirra Hargesheimer.

A produção dessa múltipla *Myrrha, Myrha, Mirha, Mirka, Mirra, Mira*, soma um conjunto incontável de obras, fruto de suas inúmeras experimentações artísticas. Ainda que Mira Schendel venha a ser um dos futuros grandes nomes da pós-modernidade brasileira, o reconhecimento parcial de suas experimentações chega através de sua participação na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, em 1951 quando a artista incorpora-se definitivamente no cenário artístico nacional.

Segundo palavras da própria Mira, sua preocupação estava em “*captar a passagem da vivência imediata, com toda a sua força empírica, para o símbolo, com*

*sua memorabilidade e relativa eternidade* (Mira Schendel IN: PÉREZ-ORAMAS, Luis., 2010, p. 58).” Talvez seja isso o que dá a sua obra um caráter de escritura. O emaranhado de experimentações gráficas que originam a visualidade d’ *A Trama* deixa visível o caráter de tentativa, de ensaio de esforço, marcas do experimental.

A mão que garatuja os desenhos, visíveis nas extremidades superior e inferior da obra, é a mesma que os nomeia, como se fosse necessária uma legenda. Ou como se, por falta de habilidade para o desenho, fosse necessário dizer o que são, o que representam. Ou ainda como se a artista fosse alguém que está tentando escrever; como se, artisticamente, estivesse atrás de uma nova forma de livre-expressão, em busca de uma escritura privada. Assim como a figura dos círculos e as tentativas de círculos, as espirais são constantes na obra de Mira Schendel.

No centro d’ *A Trama* emergem duas espirais, com direções opostas, assim como os próprios “garranchos”, os quais trazem na memória seu processo espelhado de feitura, atrelando os movimentos da escrita — da esquerda para a direita — ao espiralado. Além disso, rasgos são incorporados à obra, ora provocados por um gesto aberto, motivado pelo braço, ora por outro restringido pelo pulso.

Durante a evolução pós-moderna, as fronteiras que delimitavam os territórios artísticos ficaram cada vez mais débeis motivando, nas artes visuais, uma produção cada vez mais hipergráfica, scribomaníaca. Sobre essas relação entre imagem e texto na arte, sobretudo do Século XX, mais precisamente sobre o trabalho de Cy Twombly, facilmente relacionável ao trabalho de Mira Schendel, Sebastião Gomes Pedrosa comenta que:

A natureza intransitiva da palavra manuscrita, isto é, sua linha, sua substância gráfica, é a mesma como na garatuja, naquele nível fundamental do indivíduo, onde escrever e desenhar são indistinguíveis enquanto gerados pelo gesto, de modo prazeroso (PEDROSA, 2007).

De “feitura cansativa” — segundo as próprias palavras de Mira —, a palavra trama à qual o título da obra faz referência encontra-se à direita da obra, sobreposta pela legenda que a nomeia como trama ou posta abaixo, como um mapa estrutural do que veio a ser a trama. Detalhe impossível de prever, uma vez que o suporte desta monotipia é um papel-arroz finíssimo, capaz de se impregnar facilmente ao menor descuido sobre a superfície. Esse campo de captação dos gestos mais fugazes se constitui somente após a superposição do papel sobre a placa de vidro, depois de esta ter sido untada com tinta e talco. Este último salpicado de talco dificulta a impregnação imediata da tinta pelo suporte.

Após essas preparações, o papel torna-se passivo a qualquer acasou ou fricção do gesto da artista. Como observa Rodrigo Naves, as linhas de Mira “pareciam nascer de dentro do papel, sem que um movimento externo o conduzisse (Rodrigo Naves IN: MARQUES, 2001, p. 28)” para a feitura de um desenho aberto, que parece estar sempre por ser concluído. Das declarações de Mira, sobressaem suas preocupações que dizem respeito a “captar a passagem da vivência imediata, com toda sua força empírica, para o símbolo, com sua memorabilidade e relativa eternidade (Mira Schendel IN: MARQUES, 2001, p. 29).”

## 4 CONCLUSÃO

A partir dos movimentos originados no século XX, o desprendimento da rigorosa representação do mundo, a partir da palavra e da imagem proporcionou, aos artistas posteriores, uma maior liberdade na inventividade da produção artística.

Mira Schendel valeu-se da técnica da monotipia para criar, em suas obras, a incerteza quanto a frente e o verso e quando às grafias do desenho e da palavra que, imbricadas, tramam a urdidura gráfico-escritural, complementando-se e confundindo-se.

N' *A Trama*, de Mira Schendel, o emaranhado de experimentações gráficas que compõem a obra, deixa visível o caráter experimental de sua constituição, abarcando as múltiplas grafias, verbais, pré-verbais e não-verbais, valorizando os acasos presentes no processo de qualquer escritura. Desta forma, a imagem gráfica transita facilmente entre as artes visuais, e as artes gráficas, e a escrita, entendida aqui como *escritura*, *inscrição*. Aproximando artes visuais e literárias, poesia e gravura.

## 5 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Inês (org.). **Para que serve a escrita?** São Paulo: EDUC, 1997.
- SUSSEKIND, Flora e DIAS, Tânia. **A historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto.** Rio de Janeiro: Edições casa de Rui Barbosa, Vieira e Lent, 2004.
- PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens Urbanas.** São Paulo: Editora Senac, 1996.
- CATALOGUE **Poésure et Peitrie: "d'un art, l'autre"**. Marseille: Centre de la Vieille Charité, 1993.
- CASA NOVA, Vera; VAZ, Paulo Bernardo. **Estação Imagem: desafios.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- PÉREZ-ORAMAS, Luis (org.). **León Ferrari and Mira Schendel: o alfabeto enfurecido.** New York/Porto Alegre: The Museum of Modern Art/CosacNaify, 2009.
- MARQUES, Maria Eduarda. **Mira Schendel: a estética da expressividade mínima.** São Paulo: CosacNaify, 2001.
- HARRISON, Charles (et alii). **Primitivismo, Cubismo, Abstração: começo do século XX.** São Paulo: CosacNaify, 1998.
- LAGOA, Beatriz Rocha. **Mira Schendel: um ensaio sobre as monotipias.** Em: <<http://www.alfredo-braga.pro.br/ensaios/mira.html>>. Acesso em: 12 julho 2012.
- PEDROSA, Sebastião Gomes. Sobre a relação imagem e texto na arte do Século XX. In: **16º ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES DE ARTES PLÁSTICAS**, 16, Florianópolis, 2007. Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis: UDESC – PROEN, 2007. p. 1628-1633.
- GARCIA, Angelo Mazzuchelli. **A Literatura como Design Gráfico: da poesia concreta ao poema-processo de Wladimir Dias Pino.** 2008. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.